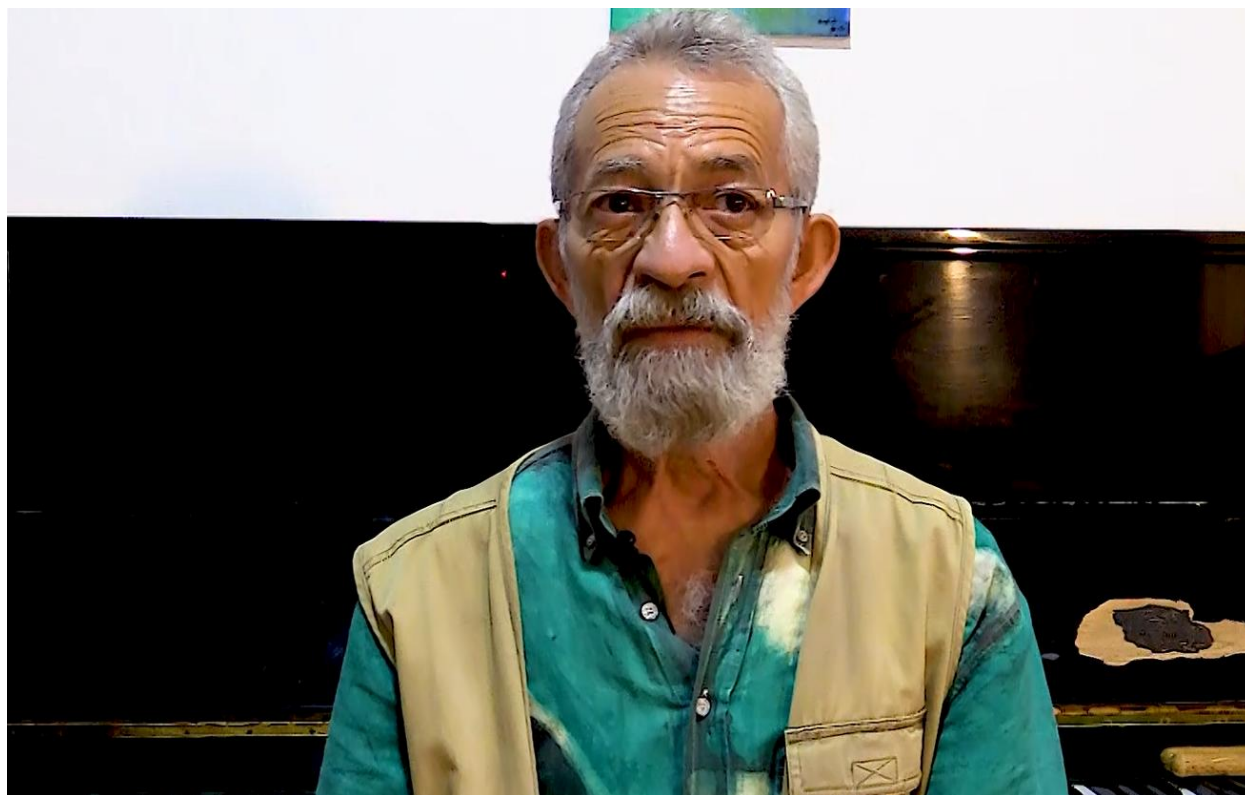


José Eduardo Couto



"Usavam poemas musicados para expressar saudade e denunciar a pobreza"

José Eduardo Couto, amplamente conhecido como Zeca Couto, iniciou o seu percurso musical ainda na infância. Desde tenra idade integrou dois grupos que marcariam a cena musical cabo-verdiana: o Apolo 11 – que viria mais tarde a transformar-se no emblemático grupo Os Apolos – e o prestigiado conjunto Os Tubarões, no qual ingressou aos 14 anos.

A sua trajectória artística desenvolveu-se profundamente ligada à música de Cabo Verde, explorando-a não apenas como forma de expressão cultural, mas também como instrumento de intervenção social.

P: Poderia falar da música em Cabo Verde como um dos principais elemento de intervenção e sensibilização para a luta de libertação nacional ?

A música de Cabo Verde, em termos de elemento de intervenção ou como elemento de intervenção e sensibilização para a luta de libertação nacional esteve sempre presente.

Acho que sempre houve resistência cabo-verdiana, desde os primórdios da formação da nação cabo-verdiana, a música, a tradição, sempre estiveram presentes, ou seja, sempre foram um elemento de resistência e de afirmação. Por isso, eu considero que em toda a parte do mundo onde há um cabo-verdiano, sempre houve essa intervenção e a afirmação do cabo-verdiano.

Para a luta de libertação nacional na Guiné e em Cabo Verde foi preciso um trabalho político de mobilização e de organização profundo e cauteloso. A luta armada começou em 1963 na Guiné. Em Cabo Verde a forma de luta era diferente mas também se desenvolveu no campo e nos centros urbanos. Claro que era difícil fazer-se música de intervenção com a expressão que todos gostaríamos que tivesse. Tinha de ser através de poemas musicados que lamentavam a saudade, lamentavam a situação de pobreza que havia em Cabo Verde. Tudo isso, acho eu, contribuiu para a consciência cabo-verdiana, dos cabo-verdianos, para uma luta maior que teria de ser travada contra a dominação colonial. Éramos agredidos pelo poder colonial, éramos agredidos por passar fome, éramos agredidos por não haver em Cabo Verde nenhuma perspectiva de desenvolvimento ou a perspectiva de já não haver fome, de um dia não haver fome, havia secas, e tudo isso, eu acho, contribuiu para a luta de libertação. Os compositores, não apenas os compositores ditos de intervenção, nem as músicas ditas de intervenção, mas toda a música cabo-verdiana, o funaná, a morna, a coladeira, a tabanca, tudo isso serviu para, eu acho, a música ser considerada uma contribuição para a libertação de Cabo Verde.

A uma certa altura ouvia-se em Cabo Verde muita pouca música que se fazia lá fora, porque era proibido, o funaná era proibido, tabanca era proibido, batuque era proibido. Havia temas que reflectiam o problema que havia em Cabo Verde. Com a Revolução dos Cravos em Portugal, quer dizer, em [25 de Abril de] 1974, passámos por uma fase de quase tudo quanto era panfleto era musicar e era cantar, e todo mundo ia atrás, todo o mundo ouvia isso.

A banda os Tubarões abraçou o projecto de independência e a nossa contribuição foi, teria de ser, através da música. Nós actuávamos em bailes aos sábados e durante o domingo, logo de manhãzinha, a gente partia para o interior, principalmente para o interior, porque tínhamos uma resistência por parte da Igreja Católica que dizia que tinham chegado os comunistas que iam tomar as mulheres e as terras. Houve a necessidade de nós, claro, respeitando a Igreja, respeitando os momentos do culto, quando terminava o culto a gente começava a tocar música e aí os políticos que iam levar a mensagem do que estava a acontecer em Cabo Verde faziam a comunicação à população.

Mais tarde, em 1976, fomos à Holanda com um certo apoio logístico do Comandante Pedro Pires, que então era primeiro-ministro de Cabo Verde, e na pessoa de Djunga de Biluca [João Silva] incumbido de nos dar todo o apoio logístico, contacto de estúdios lá e transporte para gravar um disco. Fizemos dois discos. Nessa altura não éramos conhecidos na Europa, o Djunga de Biluca disse que era melhor a gente vir para Cabo Verde e depois editar o disco, porque nessa altura ele também não estava assim tão interessado na edição do disco por causa de muitos custos que tinha tido com outras produções. Chegados a Portugal, ninguém nos conhecia, a Valentim de Carvalho fez-nos uma proposta que era uma miséria, podemos assim dizer, que nem chegava para pagar o que tínhamos gasto no estúdio. E viemos para Cabo Verde onde chegámos em Novembro de 1976. Começámos a tocar para editar o primeiro disco e a seguir o segundo, mas em Dezembro eu parti para Cuba, tive de ir para Cuba estudar, então a banda suspendeu a sua actividade por algum tempo. E nós temos, por assim dizer, no nosso repertório ainda os temas que enaltecem Cabo Verde, tocámos esses temas em todos os lugares em que estivemos. Há dias estivemos no Senegal com a Organização da Mulher Cabo-Verdiana que fez 50 anos de existência. Foi um show, havia show, havia manifestação de alegria, e quando a gente canta e toca os temas que temos na nossa discografia, são temas dos anos 1960 e tal, mas que ainda estão presentes, são conhecidos e têm um certo impacto.

Os Tubarões, como uma banda residente em Cabo Verde, abraçou, como já disse, a causa da independência, os compositores começaram também a fazer temas com um certo peso, tanto em termos de conteúdo literário e de linhas melódicas, posso citar o Cabral Ca Morri, posso citar a morna 5 de Julho, o Labanta Braço, que a gente tocava em quase todas as manifestações, nos bailes e nos saraus culturais. Esses temas marcaram e ainda marcam nas nossas comunidades, sempre que a gente vai tocar, pedem-nos principalmente o 5 de Julho, a morna 5 de Julho, essa morna une toda a nação cabo-verdiana. Com o 25 de Abril e a abertura política, podemos assim dizer, em Cabo Verde, porque já não havia repressão da polícia política, da PIDE, havia ainda o governo de transição, havia militares que tinham vindo da Guiné-Bissau e que estavam distribuídos em Cabo Verde, porque na altura Portugal não queria que a gente tivesse a independência. Para qualquer tipo de manifestação que era necessária, para enaltecer o povo, para reclamar ou para se manifestar na rua, fazia-se um panfleto. E o nosso pessoal da música, da guitarra, no dia seguinte fazia uma música com esse panfleto.

E o panfleto continuou sendo esse termo, panfleto. Na clandestinidade distribuía-se um panfleto com informações sobre a luta armada, sobre Viva Amílcar Cabral, por exemplo, no liceu, a gente fazia uma série de coisas. Havia salas, por exemplo, de química, salas que eram comuns a várias turmas, eu podia chegar e escrever, V, um V, no outro dia escrever um I, outro V, outro A, não são os mesmos caracteres, não são iguais. Podiam ser, 5, 10 ou 20 pessoas a escrever Viva Amílcar Cabral. E temos uma anedota, um colega nosso, que o pai era secretário, chefe de secretaria do liceu, ele vinha, por exemplo, onde

estava escrito Viva PAIGC ou Viva Amílcar Cabral, por baixo punha o nome, Tchipó. Bem, o pai teve que pagar o arranjo das carteiras, porque o filho, o Tchipó, é que fez isso.

E os panfletos tinham impacto porque aqui não havia muita comunicação, como hoje, não havia rádio durante todo o dia ou durante toda a noite, havia horários para a transmissão radiofónica. O panfleto distribuía-se, dava-se, por exemplo, podia-se apanhar um saco deles e sair para Santa Catarina ou sei lá para qualquer sítio e distribuía-se. E o pessoal da música, como havia um certo frenesim em fazer temas de intervenção, apanhava os panfletos que diziam abaixo Spínola, ou não sei o quê, viva Amílcar Cabral, viva Amílcar Cabral, e encontrava-se no dia seguinte uma música.

Eu acho que é o que eu posso dizer do momento e espero que assim continue e que a nova geração faça isso com todo o respeito pelos compositores pois dificilmente em Cabo Verde fala-se dos compositores, fala-se dos intérpretes, dos compositores que nesse tempo de então, nessa época, fizeram temas que ainda estão na nossa memória e que estão nos nossos repertórios. E na mente de todos os cabo-verdianos.

Entrevistador (a):
Edição: 2025

